

Editorial

Buscando dar prosseguimento à reestruturação e retomada de nosso periódico, apresentamos agora a sua segunda edição, neste ano de 2010. Preserva-se, aqui, a estrutura assumida no número anterior, em que constam três conjuntos de artigos que se complementam. Na primeira parte, denominada *Processos de criação*, estão as reflexões que versam sobre os processos criativos levados a efeito ou presenciados pelos colaboradores; na segunda, *Diálogos e fronteiras*, constam os textos sobre as intersecções possíveis entre os elementos constitutivos da cena ou entre as diversas linguagens artísticas. Por fim, num último grupo intitulado *Instrumentos e métodos*, estão os artigos sobre procedimentos técnicos e/ou metodologias de trabalho investidas aos processos e experimentações.

Processos de criação

Abrindo a primeira seção, a professora Larissa Marques Tibúrcio, em parceria com sua orientanda Acácia Batista de Oliveira, expõe em seu artigo o trajeto estético percorrido nas produções mais recentes do Grupo Parafolclórico da UFRN. Com base numa de suas criações, propõe o diálogo com linguagens artísticas diversas como o teatro, a música, as artes visuais e também as mídias eletrônicas. Em seguida, a contribuição de Gláucio Machado Santos dá-se a partir de sua reflexão sobre os procedimentos levados a

efeito para uma montagem de final de curso, na qual o autor propõe-se o levantamento de subsídios pedagógicos sobre o ensino de teatro. Com isto, relata a transposição que fez do universo almodovariano do cinema para a cena e a constituição desta pela via do melodrama. Trata-se de um traçado objetivo e sincero do processo de criação da peça, que se revela um rico material sobre a arte da transposição de uma determinada linguagem para outra, procedimento sempre desafiador e quase nunca muito simples.

Diálogos e fronteiras

Nesta segunda parte, Robson Corrêa de Camargo propõe-se uma reflexão a respeito da tríade sensibilidade, emoção e razão com base em aspectos constituintes do drama e da relação ator-personagem-público, concluindo pela sua complementaridade e interdependência. O principal aspecto de sua contribuição apresenta-se na originalidade com que aborda o assunto, em que o pensamento de Bertolt Brecht entrelaça-se a um poema de Fernando Pessoa, passando pelas teorias de Karl Marx e estudos de Antonio Damásio, para desembocar em preceitos hinduístas do tratado védico *Natyasastra*. Já Mirna Spritzer debruça-se sobre a peça radiofônica, relatando o percurso que delineia sua investigação. No entendimento de Spritzer, mais do que um veículo efetivo para o trabalho do ator, como sempre se constatou, o radiodrama mostra-se como aliado também em sua formação. E é sob esta perspectiva que a autora descreve o seu processo criativo, propondo-nos questões

intrínsecas, diferenciadoras e aproximativas entre o trabalho atoral feito para o palco e aquele concebido para o rádio.

Finalizando a sessão, Soraia Silva discute a dança enquanto elemento epistemológico, expondo suas especificidades e dando a entender suas relações de atualização para com as demais artes com que opera. Mais do que um histórico em que a autora evoca nomes e experiências de extrema importância para as artes do corpo, o artigo contribui com uma reflexão sobre o papel da dança no meio acadêmico, onde o crescimento do número de cursos merece atenção e aponta para a necessidade de aprimoramento com base nos empreendimentos até aqui desenvolvidos.

Instrumentos e métodos

No último grupo de artigos, Daniela Gatti constitui o seu pensamento a partir do uso da máscara neutra como recurso no processo criativo e investigativo do artista cênico. Com base em suas próprias experiências, a autora faz um apanhado histórico e alicerça suas reflexões no pensamento e na prática de Jacques Copeau e Jacques Lecoq, criadores ímpares do século XX que atuaram, sobretudo, na preparação de atores e na metodologia de trabalho com máscaras. A contribuição de Silvia Davini baseia-se nos trabalhos de seu grupo de pesquisa na Universidade de Brasília (UnB), intitulado *Vocalidade e Cena*. Nele, Davini apresenta-nos alguns dos resultados alcançados, relacionando-os ao processo de implantação dos Programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas no Brasil.

Resulta daí uma reflexão e entendimento sobre a possibilidade do que se caracteriza como efetivamente novo, segundo as palavras da autora, tanto no domínio acadêmico quanto no âmbito estético contemporâneo.

No artigo seguinte, em que trata da dramaturgia da improvisação, Mariana Muniz abre uma discussão bastante perene na atualidade, em que problematiza o entendimento e conceito para o termo dramaturgia. Traçando um histórico de seus usos e sentidos, ela considera-o como vocábulo de impossível *definição* nos dias de hoje, preferindo tê-lo como passível apenas de *caracterização*. Cabe aqui um paralelo entre este texto de Muniz e outro, publicado em nossa edição anterior, de autoria do francês Joseph Danan, intitulado *Mutações da dramaturgia – tentativa de enquadramento (ou de desquadramento)*, entendendo que eles se complementam, ou melhor, se interpõem, trazendo à tona questões bastante pertinentes para a discussão.

Por fim, o texto de Inês Alcaraz Marocco apresenta os resultados que vem obtendo em sua pesquisa sobre a dramaturgia do ator, em conjunto com alunos de teatro da UFRGS. Apropriando-se de práticas reconhecidas, como os sistemas de treinamento de Jacques Lecoq e Etienne Decroux ou a análise de movimentos de Rudolf Laban, Marocco e sua equipe lançam-se a uma investigação com base nos recursos corporais do gaúcho em suas atividades no campo – a lide campeira, como denomina a autora.

José Tonezzi